

SIMONE WEIL: ATENÇÃO, ESPIRITUALIDADE, ATITUDE EDUCATIVA

*Bárbara Romeika Rodrigues Marques**

RESUMO: Com a filosofia de Simone Weil, o presente estudo discute em que medida o elo espiritual entre ser e mundo encontra a experiência atencional que resguarda (e é resguardada por) uma dinâmica educativa – autoeducativa. Desenvolve a hipótese da correlação entre experiência atencional e espiritual como frente crítica ao sem-sentido mundo moderno e, portanto, como condição à atitude educativa constitutiva do engajamento ético-político do ser no mundo. Com o recorte das atividades e experiências escolares, destaca a forma da relação com o estudo capaz de congrega aspectos intelectuais e intuitivos, éticos e morais, em dinâmicas que encontram no aporte espiritual a afirmação da pluralidade.

PALAVRAS-CHAVE: Simone Weil. Atenção. Espiritualidade. Educação.

SIMONE WEIL: ATTENTION, SPIRITUALITY, EDUCATIONAL ATTITUDE

ABSTRACT: Based on Simone Weil's philosophy, this study discusses the extent to which the spiritual link between being and the world find the attentional experience that safeguards (and is safeguarded by) an educational–self-educational dynamic. It develops the hypothesis of the correlation between attentional and spiritual experience as a critical front against the meaningless modern world and, therefore, as a condition for the constitutive educational attitude of the ethical-political engagement of the being in the world. With the outline of school activities and experiences, it highlights the form of relationship with studies capable of bringing together intellectual and intuitive, ethical and moral aspects, in dynamics that find in the spiritual contribution the affirmation of plurality.

KEYWORDS: Simone Weil. Attention. Spirituality. Education.

* Mestre em Filosofia – UFRN/ Doutoranda – Educação – PPGE – UFJF / Docente no CEFET-RJ Campus Valença/
email: barbara.marques@cefet-rj.br / <https://orcid.org/0009-0001-8903-9088>

Com a filosofia de Simone Weil, é possível legitimar a forma de um estado atencional que, ao partir da potência de cada singularidade (corpo, inteligência, sensibilidade) transcenda o egocentrismo, levando um singular a ver (na ampla acepção desta palavra) o outro – primando a responsabilidade de resguardar a pluralidade do mundo. Isto é, a forma de um estado atencional capaz de congregar aspectos intelectuais e intuitivos, éticos e morais, em instâncias que encontram no aporte espiritual a justa afirmação do ser no mundo.

Nesta perspectiva, vale discutir a proposta filosófica weiliana considerando a forma em que os seus escritos e atitudes evidenciam a busca por concatenar o intuir, o inteligir, o pensar e o imaginar a um grau de sensibilidade que, também em Platão ou Plotino, está ancorado num ideal capaz de se munir do valor político-filosófico da transcendência – o Todo, o Uno ou Deus.

Simone Weil: a vida como obra

Em Simone Weil (Paris, 1909 – Ashford, 1943), experiência e escrita, vida e obra, estão imbricadas: o desenho místico e político-filosófico dado a partir do cotidiano desta judia, professora, sindicalista, operária, revolucionária militante, em especial, é a expressão de um intenso compromisso com a reflexão. De um conjunto de vivências, importa destacar o contexto daqueles anos 1930-40, em que eventos como a guerra civil espanhola, os vincos do nazi-fascismo e a iminência de uma guerra mundial constituíram a barbárie de um tempo. É então que a potência do pensamento – como em Benjamin, Sartre, Brecht, ou Arendt – engendra o comprometimento urgente com a tarefa de compreender o próprio tempo. Diante de uma situação contextual da recusa ética e moral, frente à banalidade no mal e o embrutecimento humano, a resposta weiliana às marcas que lhe atravessaram expressam, também, a medida de uma intensidade de alcance vetorial.¹

É possível dizer que a tarefa de pensar se constitui em/a partir de/ e com as demandas de cada incursão histórica, assim como é possível dizer do esforço e do compromisso com a reflexão como a expressão de uma *obra* no mundo. Em Weil, um engajamento ativo e atuante, laborioso e utópico e, então, presentificado na busca de reparação dos danos causados aos injustiçados, com o fito de fazer cessar o sofrimento de homens e mulheres submetidos às múltiplas formas de opressão. Do esforço de atenção,

¹ Da biografia de Simone Weil, vale destacar o privilégio do estímulo familiar, da apurada educação e do ambiente de liberdade do pensamento, da atmosfera de leitura e paixão pela cultura experimentada já desde a primeira infância – aos seis anos, a título de exemplo, recita Racine e muito cedo conheceu as linguagens e as simbologias clássicas, sustentáculos da ampla erudição. Recebeu influência imprescindível de seu mestre Alain. Foi-lhe possível um benefício corriqueiro da convivência com o irmão, o precoce matemático André Weil, com quem compartilhava a curiosidade e interesse pela área afim. Mas, a despeito de todos os privilégios dados na ambientação sócio-cultural, resta ainda a pergunta: de que modo ou por quais meios foi possível a esta que padecia de enfermidades crônicas, a esta “que na escola escreve mais devagar que suas colegas, que é inábil e lenta” (BOSI, Ecléa. *In: WEIL*, 1979, p. 14) o tempo e a animosidade para seu vasto conjunto de reflexões? Ainda mais quando considerado o aspecto multifacetado e plural de seus escritos em relação à duração dos seus trinta e quatro anos de vida.

do trabalho do desejo, da obstinação de fazer valer a força da justiça e da não-violência, do amor e da graça criadores de liberdade e agentes de um *ethos* de sustentação da vida.

Para destacar uma forma representativa da filosofia weiliana, vale apontar as atitudes indicativas de um olhar *por dentro*: verbos como estudar, investigar, analisar, argumentar se somariam a outros como acompanhar, experimentar, sentir, compartilhar. Para refletir sobre a opressão, vincula uma necessidade de experimentar a condição do oprimido; se a intenção circunscreve arranjos e desarranjos de um conflito como o que atravessa em seu contexto, em especial, a guerra civil espanhola, a militância lhe será imprescindível; para entender dos infortúnios e da miséria que assola o mundo, Weil destaca a condição prévia da vivência das adversidades, daí a disposição de compartilhar das mesmas privações a que estão submetidos os injustiçados, os que têm fome, os que não podem contar com o suporte do conforto material.² Sentir é seu método de pensar e a reflexão consubstancia os afetos. Gustave Thibon, amigo a quem confiou parte dos seus escritos, revela: “Ela conhecia, ela vivia a distância desesperadora entre ‘sabe’ e ‘saber com toda a alma’ – e sua vida não tinha nenhum outro propósito além de abolir essa distância” (*In: WEIL, 2020a, p.10*)³.

É preciso considerar, em primeiro plano, o modo que Simone Weil busca conjugar radicalmente o fazer e o pensar. Os sinais de interesse em participar do destino de operários urbanos ou camponeses, dos soldados ou revolucionários, ou a submissão consentida à miséria e às privações do corpo, tinham consonância com o interesse também obsessivo por entendimento, uma gana por compreensão atrelada à expectativa de que a razão pudesse ser iluminada por uma angulação possível na experimentação, no íntimo dos acontecimentos. “Ela acreditava com veemência que a criação realmente genial exigia um nível superior de espiritualidade e que não era possível esperar pela expressão perfeita sem ter atravessado severas purificações interiores” (*Ibidem, p. 12*).

Ao passo que as atividades postas no tracejo biográfico de Simone Weil revelam o despreendimento com as benesses da materialidade, como da recorrente privação de alimentação, esquia dos cuidados médicos e desmonetização, sua filosofia avança no intuito de sintonizar revelação ascética e atencional, religiosidade, transformação social e responsabilidade em resguardar a dignidade humana. É nesse sentido que conjuga a reflexão filosófica sobre a atenção, formas e estados atencionais, com

² Neste sentido, vale destacar o seguinte relato feito por Gustave Thibon: “Ela militou em posições de extrema esquerda, mas nunca aderiu a nenhuma formação política, limitando-se a defender os fracos e os oprimidos, quaisquer que fossem o seu partido ou raça. Como queria compartilhar ao máximo o destino dos pobres, pediu afastamento e arranjou trabalho nas usinas da Renault – onde, sem revelar a ninguém sua qualificação, trabalhou durante um ano com fresadoras. Ela tinha alugado um quarto em um bairro operário e vivia unicamente do magro produto de seu trabalho. Durante a guerra espanhola engajou-se com os Vermelhos; mas estava decidida a nunca pegar em armas e, por isso, foi antes uma animadora do que uma combatente” (*In: WEIL, 2020, p.16, [Prefácio]*).

³ Como infere Gustave Thibon, na continuação deste trecho: “Eu assisti o desenrolar cotidiano de sua existência por tempo suficiente para não conservar a menor dúvida em relação à autenticidade de sua vocação espiritual: a sua fé e desapego encarnavam em todos os seus atos, às vezes com um irrealismo desconcertante, mas sempre com uma absoluta generosidade. Seu ascetismo poderia parecer exagerado para o nosso século (...) Por achar a minha casa confortável demais, ela quis morar em uma velha fazenda meio em ruínas (...) Fraca e doente, trabalhava na terra com uma energia inflexível e, para se alimentar, costumava se contentar com amoras colhidas nos arbustos do caminho. Todos os meses, enviada a prisioneiros políticos metades de seus tickets de alimentação” (*Ibidem, p. 12*).

aspectos da contemplação e da graça, do supremo amor a Deus, ao próximo e ao mundo. Isto é, de uma atenção que extrapola a consciência individualista para erigir uma incessante busca pelo bem comum, na proposta de viabilizar uma transformação radical nos planos material e espiritual.

O projeto filosófico weiliano busca salvaguardar, na espiritualidade, a qualidade mais alta da atenção. Ao reafirmar a potência do estado atencional em conexão com o puro sagrado em Deus, Weil elenca um princípio balizador como ponto de transmutação do desejo e da ação. Nesse sentido, a busca por cultivar autodisciplina atende a uma demanda por aperfeiçoamento espiritual: ter ânimo, energia e paciência como exercício místico, fazer da experiência mística um exercício para desnudar a alma, descamando um a um os condicionantes expansionistas do ego. A confiança em Deus enquanto conduto para a mudança do regime de atenção e a mudança do regime atencional como presença do sagrado imanente. Na expressão de Simone Weil: “a oração é feita de atenção. É a orientação de toda a atenção da qual a alma é capaz, voltada para Deus. A qualidade da atenção está na qualidade da oração” (2019, p. 71). “Só a atenção religiosa é a atenção plena” (2020a, p. 167). Nessa perspectiva, a oração e a atenção constituem a mesma faceta de um desejo de nutrição espiritual, o júbilo de cada homem ou mulher que busque o encontro do mais sagrado em Deus, a fortuna de tomar a contradição como elemento divino, e a graça de sintonizar transcendência e afirmação da vida, na compaixão, no mais puro amor ao próximo.

Em Weil, clamar por um Deus misericordioso e nele confiar a graça da plena conexão atencional, é, também, um apelo político. Deus é, nessa perspectiva, uma forma de contravenção: a crença no amor ao próximo é um chamamento à desobediência aos discursos dominantes; procurar a compaixão divina é blasfemar contra um tempo em que a barbárie se estabelece polindo as lentes e destituindo o humano em homens e mulheres. Deus é a manifestação da compaixão pelo próximo e, como assinala Simone Nogueira, “a compaixão é o milagre operado pelo amor sobrenatural, no qual a presença divina se realiza em todos os miseráveis do mundo que recebem esse olhar amoroso” (2020, p. 156). Desprovidos dessa disposição atencional aos infelizes, e sem a forma ético-política do olhar, isto é, sem o resguardo espiritual na relação com a coletividade, “os infelizes seremos nós com os nossos apegos e com a ilusão da nossa vida medíocre e, deste modo, a infelicidade atingirá a todos” (*Ibidem*).

Nesta perspectiva, ao estacionar no condicionamento desmedido dos prazeres, desconexa da atenção à natureza, uma pessoa jamais participará do estado de elevação transcendental. Do contrário, na busca pelo encontro com o Uno, a graça da atenção ao Todo diz da conexão, presença, contemplação, meditação plena de liberdade e autonomia da consciência. Em Weil, Marco Aurélio ou Plotino, exercícios espirituais representam o conluio com uma atenção suprema, no esforço de manter acesas e em consonância razão, intuição, sensibilidade e forma de vida. Como nota Pierre Hadot:

O ‘exercício’ da razão é, sobretudo, ‘meditação’: etimologicamente as duas palavras são sinônimas. Diferente da meditação do Extremo Oriente de tipo budista, a meditação filosófica greco-romana não está ligada a uma atitude corporal, mas é um exercício puramente racional ou imaginativo ou intuitivo. Ela é, em primeiro lugar, memorização

e assimilação dos dogmas fundamentais e das regras de vida da escola. Graças a esse exercício, a visão de mundo daquele que se esforça para progredir espiritualmente será transformada por completo (HADOT, 2014, p. 245).

Assim, dado pelo tom de uma mística em plena laicidade, sobressai do conjunto⁴ dos escritos de Weil o lume dos exercícios espirituais na recorrência de ideias como amor, Deus, Cristo, graça, atenção, estudo, natureza, oração, *enraizamento*. Seus conceitos mais recorrentes testemunham a busca de um contraponto à barbárie e, para tanto, a aposta na vida justa e no bem comum. Não é em vão o destaque e o convite ao elemento espiritual; nem o modo como Weil reitera a valia de uma aproximação das formas sagradas da natureza; não é sem razão o quanto se esforça por fazer valer a dignidade humana a partir da ideia de Deus. Na esperança que a exposição demorada do olhar, em composição autônoma e habituada, acabe por intermediar uma forma do sujeito (do ser que deseja realmente ver) de se relacionar com o objeto com o qual lida. Em suas palavras, “olhar diretamente as coisas libera o espírito” (WEIL, 2020a, p. 194). Em nome desse conjunto de gerências, a autora conclama a instância espiritual, graça suprema: “não há atenção extrema que não seja religiosa” (*Idem*, p. 152).

Destaca-se, do projeto weiliano, o modo como procurou empreender a emancipação espiritual do oprimido, em especial, a libertação dos trabalhadores *coisificados* pelo maquinário da técnica. O esforço por invalidar as bases da opressão, a começar pelo assujeitamento da atenção e da vontade, abarca tanto a perspectiva política quanto a espiritualidade. Para Weil, a liberdade efetiva não se dá sem a apropriação da atenção, sem o brio espiritual que conecte homens e mulheres com os três mistérios da existência: a verdade, a justiça e a bondade. Dessa proposta, a ideia de que a cada sujeito seja dado transformar ou, em alguma medida, *recuperar* os meios de atenção. Para tanto, faz-se necessário libertar os/as trabalhadores/as do automatismo e instigá-los/as à plena compreensão dos processos dos quais participam, das leis mecânicas e geométricas implícitas nas atividades laborais e na consciência da ordenação e beleza do universo. Nesse sentido, não basta aparelhar o sujeito do trabalho das benesses econômicas resultantes da produção, se a condição do pensar e do agir não apontar para uma consonância ontológica, espiritual e ético-política.⁵

Aí reside um elo entre o educar e o emancipar, na proximidade entre ação, reflexão e o pertencimento espiritual. Garantir a homens e mulheres o curso autônomo da reflexão, a liberdade do estado atencional capaz de sintonizar o trabalhar e o contemplar, o participar e o criar e, então, assegurar uma familiaridade suficiente aos domínios da técnica e da graça, da ação e da atuação. Dois gestos da

⁴ Importante notar que o conjunto dos escritos weilianos deriva não de um conjunto sistematizado de obras, ou de um montante de publicação organizado com esse fim, mas de composições de uso pessoal ou itens compartilhados, como cartas trocadas com amigos e familiares, pensamentos e notas de leituras, esboço de obras, artigos elaborados para proveito das aulas, além de escritos derivados das atividades nas organizações humanitárias ou sindicais com as quais se envolveu.

⁵ Como afirma Alfredo Bosi: “A força do pensamento de Simone Weil está em examinar por dentro a complexidade não só econômica mas estruturalmente política da opressão. (...) A contraideologia pensada [por ela] aproxima-se da esfera da utopia, embora recuse a acepção negativa do termo que lhe dera Engels. Ao contrário, ela almeja estimular um exercício rigoroso do espírito no seu propósito de liberar o trabalhador da esterilidade intelectual a que o reduz o sistema da grande indústria, apesar ou em razão mesma do progresso tecnológico” (*In*: BINGEMER, 2009, 25-6).

trabalhadora Simone evidenciam este intento: quando da partilha de teorias matemáticas e da mecânica com operadores dos maquinários industriais, ou na incursão partilhada de literatura clássica, ciências biológicas e escritos míticos com as pessoas com as quais trabalhou no campo. A atitude de Weil instiga e chama para a beleza do funcionamento das coisas, para a apropriação de saberes, no domínio de etapas da relação mão-cabeça indisponível ao agente passivo da maquinaria, mas acessível a quem se sente partícipe, quem acolhe verdadeiramente a intercessão entre o trabalho das mãos e o trabalho da reflexão. Os processos desta intercessão dão a ver sempre mais do mundo, a começar pela lida com as forças em tensão decorrentes da resistência material, na aproximação com as regularidades e acidentes da matéria, e, assim, com a contradição que somente uma temporalidade disponível ao fazer-refletir é capaz de esculpir no espírito. Ora, se o trabalho é parte da incursão do ser no tempo, o resultante da relação autêntica entre a mão a cabeça conecta, também, unidade e totalidade.

O projeto weiliano evidencia a aposta de natureza espiritual, transformadora, capaz de fazer frente ao automatismo e ao reflexo mercantilista. É nesse sentido que sugere a apropriação espiritual e atencional da classe trabalhadora, como no seguinte trecho: [Os trabalhadores] “precisam que sua vida seja uma poesia. Precisam de uma luz de eternidade. Só a religião pode ser a fonte dessa poesia” (WEIL, 2020a, p. 219). O elo da religiosidade é o que confere a homens e mulheres alguma elevação para a tomada de consciência e conexão com uma vida menos subserviente à passividade e inércia demandada pelo modo esteira-de-produção capitalista. Para esta autora, o “ópio do povo” não pode ser dito da vinculação com a religiosidade, mas do condicionamento irrestrito à materialidade automatizada, na reificação do corpo e da mente. O desligamento dado na relação mecanizada entre mão e cabeça matou o sentido do trabalho bem-feito, suscitou a passividade, o abandono, o hábito de esperar tudo de fora. (*Ibidem*) Mesmo no campo, como sugere Weil, o sentimento de um laço profundo entre a terra que alimenta o homem e o homem que trabalha desapareceu. Assim, frente ao *desenraizamento* instituído desde a esfera do trabalho, somente uma atenção ao mundo seria capaz de enraizar, conectar, e sustentar a pluralidade humana.

Exercícios espirituais, alcances políticos: atenção e amor ao mundo

Com a conexão entre o compreender e o sentir, a experiência impressa pela familiaridade da consciência em estado de graça torna-se um caminho espiritual e uma ascese moral, por isso, a filosofia de Simone Weil propõe o cultivo da atenção como amor à condição humana. Condição esta que demanda o elo entre inteligência e intuição, a compaixão, a generosidade, o compromisso com o mundo humano – e, para tanto, o amor.

O ser se fortalece no amor, a graça de amar fortalece o ser. O amor frutifica uma atenção disponível e entregue ao bem, e o desejo do bem fortalece a atenção necessária à graça de amar. O desejo autêntico de bem se dá em abertura, atenção, cuidado. O puro desejo é uma graça. Em todo caso, o *método* a que Weil alude para legitimar o estado atencional não é uma fórmula replicável, posto não ser possível

interpor forma e resultado linear e mecanicamente. A graça não se deixa aparelhar, amar não diz de expedientes e esquemas. O estado de atenção orienta e estará orientado em direção à graça; e o desejo por alcançar a graça pedirá a recorrência de uma espera e de uma esperança. A forma ativa da espera tem por fio um desejo sem objeto demarcado, isto é, uma vontade de conexão dada além do direcionamento exclusivo da objetividade. Conforme Weil, estar atento é esperar, mas não estar inerte. A consciência que se entrega, sem se deixar instrumentalizar, e deseja a verdade sem objeto específico, e sem tentar adivinhar-lhe de antemão o conteúdo que se recebe a luz. Eis o mecanismo da atenção (WEIL, 2016). Se realmente houver desejo, se o objeto do desejo for realmente a luz, o desejo da luz produzirá a luz. “Há realmente desejo quando há esforço de atenção. Mesmo que os esforços de atenção permaneçam estéreis em aparência durante anos, um dia uma luz exatamente proporcional a esses esforços inundará a alma” (*Idem*, 2019, p. 73).

O amor alastra a capacidade da inteligência à percepção do outro, em especial, o olhar capaz de examinar e *enfrentar* o desamparo e a desgraça a que homens e mulheres estão submetidos, de considerar a história sob o viés dos vencidos. Esta atenção toma forma de uma presença, que, para Weil, cumpre indispensável o alcance da generosidade do olhar ao outro – “um olhar que é, antes de tudo, um olhar atento, no qual a alma se esvazia de todo conteúdo próprio para receber em si o ser que ela observa tal qual ele é, em toda sua verdade” (2019, p. 80). A graça de desejar ver para descortinar discursos ou balizadores cristalizados no poder dominante, para sustentar e reaver o mundo humano. Com o tom dado pela filosofia de Simone Weil, a atenção representa o esforço de cada pessoa em reservar e organizar animosidades de tal modo que a condição da graça seja uma confiança. O engajamento com a graça espiritualizada é uma espera, e não um pedido; é uma atenção disciplinada e não uma disciplina atarefada.

A atenção é a forma mais rara de generosidade, assinada Weil (1979). Desse caminho é possível traçar uma confluência entre misticismo, ética e política, no tanto de uma busca não pelo sobrenatural enquanto distanciamento, mas pela aproximação do mundo humano (2020b). De uma especial vigilância à graça que emana da natureza, envolta na espera e na confiança no sagrado e, também, do elo entre amar, contemplar e agir como caminho para o alcance espiritual de conexão com a vida. O amor está onde estiver o domínio e não a posse, e abstenção e não a fuga. A condição de amar é intermediada em especial por uma vinculação atencional com a justiça, o bem e o belo, no entrelugar de uma contradição sustentada pela passividade do esperar e a altivez do desejar. Mas para efetivamente desejar e esperar é preciso consciência da beleza ordenadora e divina da natureza, isto é, não qualquer vontade que porventura leve ao desejo, não a dominação quantitativa e estritamente materialista.

Se, como nota Weil, “todo ser humano está enraizado aqui embaixo por uma certa poesia terrestre, reflexo de luz celeste” (2019, p. 141), a atividade criadora da beleza pode dar a estabilizar, conectar, e se fazer chamado ao todo da vida. Por isso, cumpre considerar a disposição anímica da mente, a relação mística de um estado atencional que prepara o acesso a tal atividade da criação. Um preparo que não garante, mas sintoniza e integra. É com a via aberta pela sintonia com a espiritualidade que uma

pessoa pode escapar do automatismo reificador do mundo moderno. A conexão com as formas sagradas da natureza é o contrário de banalizar a vida, pois, assumir da natureza a dignidade máxima do que se mostra é também um modo de reafirmar a morada do ser o mundo.

Em Weil (1991), a atenção é uma forma de conexão: os sentidos repousam familiarizados, os canais estão entregues e continuamente se lançam, a mente deseja e espera, o espírito se reveste de brio. Na atenção temos uma consciência luminosa. E, como ressalta Ecléa Bosi, é o estado contrário da certeza, continuamente renunciando à posse do resultado (BOSI, 2003, p. 19). Para o enlace espiritual, a atenção não busca encerrar-se no monopólio dos pressupostos, mas se dispõe à abertura das formas inacabadas. Nesse sentido, Weil buscou extrair da atenção espiritual um gesto de consciência suficientemente elevado para ser familiaridade, recepção e possibilidade de conexão entre ser e mundo. E, ainda, uma forma de elevar e assentar, ao mesmo tempo e em igual medida, a condição humana no que tem de mais e de menos: de mais perto da perfeição divina, e de mais longe da pretensão desta mesma elevação, dado a compreensão da humildade como mediadora. Um estado atencional deste tipo requer a captura de sutilezas equalizadoras do desejo por um mais, por um *quê* para içar, para sublevar a atenção; um *quê* do estado atencional para transcender. A forma espiritualizada de uma atenção, vale ressaltar, suficiente a correlacionar os elementos ético-políticos da vida.

Assim, ao promover o *ethos* de amor e paz, resgatar a graça e a dignidade da existência, a religiosidade – no invólucro da atenção plena da oração – perfaz uma atenção que fortalece o espírito, representando, também, a via de uma resistência frente aos mecanismos aprisionadores da alma humana. No sentido weiliano, a fé participa do elo entre ser e mundo e, em alguma medida, é o elemento estruturante da combinação entre aspectos inteligíveis e sensíveis – a inteligência mais se revigora no mistério da beleza, em proveito não do domínio proprietário da compreensão, mas do regozijo fecundo e vivaz da verdade e do bem.

Cristã prática e não convertida, a intimidade weiliana com o Deus cristão é patente em seus gestos e modo de vida; familiaridade situada por atitudes práticas e não por adesão às teorias institucionais da igreja. Um Deus com a forma cristã, mas afastado do conteúdo e liturgia católicos. O catolicismo, aliás, esteve no radar das críticas tecidas por Simone Weil, para quem era incompreensível e inaceitável que uma igreja sustentada na figura do amor de Cristo tivesse tão funestamente marcada por uma história de violência e segregação. “Seu Deus era o Deus dos filósofos” (BINGEMER, 2012, p. 144).

É tal a ascese ética e moral a que Weil se refere quando aponta para o valor do desejo de verdade, elo entre o ser e o bem: a condição que lhe dá guarida é o encontro com o outro e não estritamente com o *self* originário. Dessa busca por suplantar o eu – demasiadamente egocentrado – surge o gesto de aproximação e exercício da intuição e da inteligência no encontro com a poesia e a beleza da natureza. Despir-se de condicionamentos, retirar camadas que turvam a percepção, potencializar ângulos. E, principalmente, esperar, confiar. Como em Heráclito: “se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso” (Fragmento 18. *In*: 1991, p. 63).

A elevação da alma – intermediada pela *descrição*, apagamento do eu, única via da salvação – é obra da graça e não da vontade⁶. “Somente a operação sobrenatural da graça faz uma alma atravessar sua própria destruição até o local em que se colhe esta espécie exclusiva de atenção que permite ter em conta a verdade e o infortúnio” (WEIL, 2016, p. 94). Assim, o estado de liberdade atencional a que o sujeito busca para recriar suas relações simbólicas e se conectar amorosamente com o mundo não pode ser exercício instrumentalizado, tampouco um direcionamento tensionado ou forçado, mas, antes, um preparo e uma espera. Afinal, “essa atenção é intensa, pura, sem motivo, gratuita, generosa. Essa atenção é amor” (*Ibidem*). Um grau de cultivo de uma atenção pura, autônoma, em que, sendo possível destituir as fantasias do ego, a inteligência é liberada para se revestir do estado de graça que é consentimento e “externalização” – respiro fora dos contornos egóicos, além da centralidade das demandas subjetivistas e individualizadas. Na expressão de Clarice Lispector (1998, p. 17): “preciso ficar isenta de mim para ver”.

O desprendimento e a libertação das fantasias do ego e o redirecionamento do olhar à natureza, à reapropriação simbólica do mundo e à dignidade humana, é um modo de resistir, com o direcionamento de outros estados atencionais, à tendência individualizante e egocentrada, circunscrita – com ainda mais força – na atualidade. Uma vez mais, interessa ressaltar a centralidade do cuidado com o mundo que o encadeamento argumentativo da filosofia weiliana lega. Talvez porque percebesse o perigo da eficiência discursiva que a todo lado embarreira a expressão do ser, desbota ou apequena existências e acaba por escolher arbitrariamente quem ou como se pode viver. Talvez porque o árduo das circunstâncias históricas experimentado por esta mulher não lhe tenha surtido efeito esmorecedor. Do contrário, a barbárie de contornos históricos só lhe fez inclinar mais adiante a cabeça, para que o olhar pudesse ser disposto por dentro e por sobre os acontecimentos.

Atitude educativa, atenção e mundo

Se, a partir da perspectiva weiliana, o engajamento espiritual amplifica mundos dentro do mundo, a atitude educativa evidenciará o trato mesmo da atenção enquanto cuidado com instâncias fundamentais do ser. Vale, para tal, o contínuo da busca por aproximar o sentido do estudo e da atenção ao mundo da pluralidade, isto é, de uma relação com os saberes capaz de dar, abrir, e pedir mais do ser no tempo. Como da seguinte sugestão de Simone Weil:

Para cada exercício escolar há uma maneira específica para chegar à verdade, com o desejo e sem se permitir ir buscá-la. Isso pode ser uma determinada maneira de prestar atenção aos dados de um problema de geometria sem buscar solução, às palavras de um

⁶ Como afirma Gustave Thibon: “A vontade só é boa para as tarefas servis: ela assegura o exercício correto das virtudes naturais, que são pré-requisitos para o trabalho da graça. Mas o germe divino vem de outro lugar... Simone Weil atribui, nesse domínio, muito mais importância à atenção do que à vontade. (...) pela força do apagamento e do amor, deve-se atingir esse estado de docilidade perfeita para a graça, de onde o bem emana espontaneamente” (*In*: WEIL, 2020a, p. 25 [Prefácio]).

texto latino ou grego sem buscar nele o sentido, de aguardar, quando escrevemos, que a palavra justa venha por si mesmo colocar-se sob a pluma, repelindo apenas as palavras insatisfatórias. O primeiro dever para com os estudantes é fazê-los conhecer esse método, não apenas de maneira geral, mas na forma particular que se relaciona com cada exercício. Esse é o dever, não apenas dos seus professores, mas também dos seus guias espirituais (WEIL, 2019, p. 78).

No projeto filosófico de Weil, o elo espiritual com o mundo humano se dá a partir do tônus da devida atenção, na oração e nas atividades escolares. O fruto da intercessão divino-humano do estado atencional está contido na (e contém a) busca pelo sagrado; com a busca da conexão com a máxima potência da vida; como fator estruturante que tanto ampara quanto impulsiona, que tanto resguarda quanto oferece; e, por fim, como manutenção do movimento mesmo de um engajamento que é, também, educativo – autoeducativo, singular, coletivo. Nessa perspectiva, ao se aproximar da imagem posta por um problema matemático, um verso de Racine ou outra compreensão conceitual, a consciência se abriga em partes comuns que marcam e continuam a história do ser. Esta oportunidade de aproximação com ideias continuadas por palavras e ações humanas nutre a alma com a forma de um sacramento, uma vez que também requisita crença, entrega, participação, coaduna subjetividade e compromisso ético-político. “Todo exercício escolar se assemelhará a um sacramento” (*Ibidem*). A conexão da mente com a busca pela resolução de uma atividade abstrata e experimental abarca a entrada da inteligência em instâncias da exterioridade que são complexas e infindáveis.

O *sagrado* das (nas, com as) atividades escolares está no quanto representa ocasiões de abertura aos canais de percepção, amplificação da relação com o mundo, com a participação de cada singular no desenho pluralidade. Assim, em Weil, a atenção não se restringe ao aprimoramento das ferramentas e meios para conhecer e delinear os limites do conhecimento. Em primeiro plano, a procura de uma experiência atencional que limpe os sentidos, um método que busca a vida justa e a graça da conexão autêntica com as formas da natureza. Não somente do desejo de aprender determinada matéria ou conteúdo escolar, não como apreensão e retenção de referências conceituais, não como posse de perspectivas simbólicas, não o afã do uso de proprietário⁷. Mas, como domínio de instâncias tão imbuídas da imprevisibilidade do espírito para, então, adentrar por incontáveis períodos de tempo no exercício; estar e querer estar na dinâmica da tarefa; dispor o espírito à afirmação mesma do processo de cada tarefa; compactuar com dispêndios e contradições.

Por esta perspectiva, a pergunta pela experiência educativa se nutre de um aparato questionador capaz de destituir o automatismo das ideias prontas, definitivas e definidoras. Para tanto, é necessário

⁷ A regência de uma forma de atenção experimental e autônoma – desgarrada da vontade de dominar percepções e se apropriar de fatos, ou de copiar objetos à inteligência – é bem expresso por Clarice Lispector, no livro “A descoberta do mundo”: “Perdoando Deus eu ia andando pela Avenida Copacabana e olhava distraída edifícios, nesga de mar, pessoas, sem pensar em nada. Ainda não percebera que na verdade não estava distraída, estava era de uma atenção sem esforço, estava sendo uma coisa muito rara: livre. Via tudo, e à toa. Pouco a pouco é que fui percebendo que estava percebendo as coisas. Minha liberdade então se intensificou um pouco mais, sem deixar de ser liberdade. Não era tour de propriétaire, nada daquilo era meu, nem eu queria. Mas parece-me que me sentia satisfeita com o que via (1999, p. 76).

acolher os atravessamentos da relação entre ser e conhecer, separar a questão principal das questões secundárias – como da sugestão weiliana de olhá-los até que jorre a luz, com o intermédio de uma “atenção que seja um olhar, e não um apego” (WEIL, 2020a, p. 155)⁸. Em alguma medida, a atitude estudiosa disponibiliza um alicerce contra a tensão acumulativa de saberes, contra a apropriação indevida da natureza, contra o que desfaz os vínculos com as culturas. O alicerce dado no estudo fortalece o ser e para tal se vale de afetos amplificadores da atenção criadora.

No enlace experimental e aproximativo com a forma de um saber, a consciência pode demorar e, estando em atividade repousada, desinteressada e aberta, esmiuçar e explorar mais de si e do entorno. Assim, uma escola que crie condições para este modo de atenção ativa e repousada, legitima saberes da ocupação com o *em-si* do mundo. E, para bem cuidar do ser, a atitude educativa se constitui da procura por elementos de conexão, abertura, para emancipar a atenção e para dar a ver sempre mais.

Vale ressaltar que um estado de atenção que possibilite uma *amplificação do olhar* demanda alguns elementos-chave. A começar por uma atividade mental que não se legitima nem só com o aporte dos artefatos (materialidade estrita), nem com o querer posto em marcha com o suporte metodológico (*basta querer*), tampouco se encerra no “basta esperar”. Na reflexão weiliana, a espera tem, em alguma medida, a forma de uma postura ativa: presentes os elementos de preparo, esforço, disciplina, resiliência, entrega. Isto é, o estado ativo de uma consciência conectada ao mundo humano e, portanto, disponível para alcançar, espiritualmente, o estado atencional apropriado. É nesse sentido que a graça espiritual, em sintonia com um estado de ânimo do estudo dado na plenitude atencional, deriva de um misto de cultivo espiritual, meditação intelectual, racionalidade e fé; de uma espiritualidade derivada do enlace entre ser ativo e mundo; entre consciência e generosidade; entre a atitude educativa e autoeducativa – do singular e do plural da cultura mundana.

Interessante a forma como Alfredo Bosi, retomando os *Cahiers* weilianos, estrutura a atenção em quatro dimensões: a perseverança, o despojamento, o trabalho e a contradição. A *perseverança* prepara o terreno para a chegada da epifania necessária à percepção mais aguda e fundamental dos fenômenos. A atenção deve vencer a angústia da pressa, morar e demorar no tempo, para que o olho seja capaz de permanecer junto ao objeto, dele sorver os múltiplos perfis e do processo recuperar a complexidade mesma da percepção. O *despojamento* liberta os olhos das ilusões compensatórias e, no desapego dos caprichos do ego, mune a razão da capacidade de admirar as transformações do Uno Todo. O *trabalho*, por sua vez, é o olhar que age, fruto da relação entre a consciência e a ação eficaz. Olhar atento é em si mesmo operante, ativo, suficiente para que cada trabalhador ou trabalhadora tenha a consciência dos

⁸ É tal a passagem na íntegra: “Método para compreender as imagens, os símbolos, etc. Não tentar interpretá-los, mas olhar para eles até que a luz comece jorrar. De forma geral, método para exercer a inteligência, que consiste em olhar” (WEIL, 2020a, p. 155). Em outra ocasião (2019, p. 200), a autora assinala: “Quanto à existência de um bloco compacto de dogmas fora do pensamento (...) quando percebemos pontos de luz em tal bloco é porque percebemos que as partes sombrias nos parecem sombrias por não as termos olhado com atenção suficiente. Nesse bloco compacto devemos olhar as partes sombrias até vermos a luz jorrar”.

meios e dos fins das atividades com as quais lida. A *contradição* é capaz de legar uma atenção às mudanças que as coisas e os seres, por isso, quem trabalha com as mãos e ao mesmo reflete sobre a sua obra, do primeiro gesto à última demão, aprende que está lutando com forças em tensão, desafiando resistência no trato com a matéria (BOSI, 1988, p. 84-6).

Considerando a pertinência das formas e animosidades atencionais, vale compreender os estudos escolares como um campo que comporta um valor pelo qual vale a pena vender todos os seus bens, sem nada guardar para si, principalmente na medida em que viabiliza a plenitude de sua eficácia espiritual, até mesmo fora de qualquer crença religiosa (WEIL, 2019). Neste sentido, é insuficiente a formação escolar que demande do estudo a concordância com elementos estritamente tecnocratas. Em consonância com a trajetória experimentada por Simone Weil, o esforço está em achar a tônica atencional em cada contexto escolar, cultivar um estado anímico atrelado em cada atividade de modo a compor, cotidianamente, um sentido para verbos estruturantes do processo escolar, tais como: estudar, exercitar, fazer, criar, compreender, relacionar, partilhar, inventar, continuar, repetir, renovar.

É dinâmica a coligação de possibilidades legada com um estudo que busque a máxima conexão entre ser e mundo. Dinâmico ao consistir tanto no aprimoramento da potência de pensar e de sentir do eu originário (*self, ego*, consciência, mente, inteligência), quanto por redirecionar o olhar do eu originário para o outro (para a graça e para a desgraça do mundo, aos que padecem, aos injustiçados). No ensaio intitulado “Reflexões sobre o bom uso dos estudos escolares em vista do amor a Deus” (2019), Simone Weil oferece algumas chaves de compreensão acerca da familiaridade atencional propícia ao estudo, como no seguinte trecho (p. 71): “os exercícios escolares desenvolvem uma parte mais elevada de atenção. Eles são plenamente eficazes para aumentar o poder de atenção”. E, mais adiante, complementa a afirmativa pontuando o quanto, por exemplo, a inabilidade natural para a demonstração de um problema matemático não impede que se busque sua demonstração para desenvolver a atenção. Não ter nem dom nem inclinação para a lida com algum exercício escolar, na expressão da autora, acaba por se tornar uma circunstância favorável para a inteligência, uma vez que possa instigar o exercício, em si, e estimular a faculdade da atenção. “Um esforço de atenção verdadeira não será perdido, sempre é eficaz espiritualmente e também sobre o plano inferior da inteligência, pois toda luz espiritual ilumina a inteligência” (WEIL, 2019, p. 71).

O avançar da atenção diz menos do resultado e mais do valor sustentado no ato buscante; assim, cada gesto de atenção lega algo à consciência realizadora do exercício estudioso. Depreende-se da atenção familiarizada a instância permanecida na e com a experiência de resolução de uma atividade escolar. Repetir, repetir, até que jorre a luz. Repetir, repetir, até que se sobressaia algum grau de compreensão. Repetir, repetir, até que se avance em incursões secretas com saberes e sentidos. “Repetir, repetir – até ficar diferente” dirá Manoel de Barros (2016, p. 16).

Mas, afinal, em que medida a atitude educativa e espiritualidade resguardam ou intensificam a conexão entre ser e mundo? Primeiro, é preciso ter em conta que estudar demanda o cultivo de elementos

que tornam possível o estado atencional apropriado ao encontro não apenas entre sujeito e objeto, mas entre a consciência da reflexão e as formas de composição no legado cultural. Desta perspectiva, decorre a busca por considerar os critérios e as condições do ato estudioso. Porque dispõe coisas concretas e possibilidades amplificadas de escolhas, a formação escolar é capaz de possibilitar o hábito disciplinado e ativo do estudo. Este, por sua vez, fornece elementos possíveis à emancipação intelectual. Afinal, quem estuda, pensa. Quem está habituado com o domínio ativo e crítico da reflexão, dificilmente se conforma à condição da passividade embrutecida. Quem estuda de forma a ser tomado do desejo por amplas conexões, diria Weil, está atento ao mundo humano e legítima a perspectiva do bem e da generosidade entre os seres.

Com o elemento espiritual e, ao mesmo tempo, ético-político do gesto estudioso/atencional, pode advir a força de contraposição e resistência ao sem-sentido do mundo. A face revolucionária do estudo é um alicerce contra a tensão acumulativa de saberes, contra a apropriação indevida da natureza, contra o que desfaz os vínculos entre o ser e o tempo. O amparo atencional/espiritual do estudo fortalece o ser e para tal se vale de afetos amplificadores da atenção criadora. E, como assinala Weil, “a formação da faculdade da atenção é o objetivo verdadeiro e praticamente o único interesse dos estudos” (2019, p. 72). Por isso o sentido do estudo afirma a dignidade humana, sustenta é sustentado pela altivez de um *ligar* e também um *desligar*: conectar-se ao mundo, desobrigar-se do afã mercadológico; ativar uma atenção criadora, desconectar o frenesi consumista; intermediar a realização da atenção, questionar a vigência de uma vida focada em demandas pré-formatadas pela razão mercantil.

A potência insurgente do *sim* da atenção estudiosa, gratuita, comum, plural e singular, viabiliza a abertura amplificadora da novidade. Embora exija compromisso, esforço, organização, no devido tensionamento da atenção, o comum do estudo é a alegria e a desobstrução. Está aqui a diferença entre a tensão que retém e a tensão que conecta. O estudo aciona, mas não encarcera; requisita, mas não esgota. O estudo é uma atividade das mais criteriosas, sem que a supressão do prazer ou o condicionamento sacrificado da inteligência lhes sejam próprios. Como afirma Weil: “a inteligência só pode ser conduzida pelo desejo. Para que haja desejo é preciso que haja prazer e alegria. A inteligência só cresce e carrega frutos quando há alegria⁹. A alegria de aprender é tão indispensável aos estudos quanto a respiração aos atletas” (2019, 76).

O estudo conjuga o singular e plural com vistas ao resguardo do mundo humano. Para pensar com Weil, o objetivo da educação deve ser preparar a possibilidade de que os valores autênticos e puros,

⁹ A partir da relação posta por Weil entre o desejo e a alegria do estudo, vale um parêntesis para a perspectiva tecida por Adorno (1995, p. 131) contra manifestações educacionais que se amparam na força enquanto “dureza” e severidade. Diz ele: “a ideia educacional da severidade, em que irrefletidamente muitos podem até acreditar, é totalmente equivocada. (...) O elogiado objetivo de ‘ser duro’ de uma tal educação significa indiferença contra a dor em geral. No que, inclusive, nem se diferencia tanto a dor do outro e a dor de si próprio. Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir. Tanto é necessário tornar consciente esse mecanismo quanto se impõe a promoção de uma educação que não premia a dor e a capacidade de suportá-la, como acontecia antigamente”.

do belo e do bem na atividade de um ser humano, sejam o resultado da aplicação da plenitude da atenção. “Os estudos constituem uma ginástica da atenção. Cada exercício escolar deve ser uma refração da vida espiritual. Isso exige um método” (WEIL, 2020a, p. 154). O manejo experimental, disciplinar¹⁰, individual ou compartilhado das atividades escolares, toca e é tocado por uma frequência da temporalidade capaz de intensificar os elementos ontológicos fundamentais.

E, afinal, a uma época maculada pelo produtivismo, a um contexto em que o balizador temporal se dá com o brilho da mercadoria e o centro das prioridades está dado por condicionantes econômicos, a atitude educativa, com a forma de uma atenção imanente, espiritual e afeita à generosidade, é o indispensável a ser compartilhado. Transcender, conectar, elevar o espírito ao nível do elo com os outros e com o mundo, é a urgência política do nosso tempo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. Educação após Auschwitz. *In: Educação e Emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BARROS, Manoel de. **O livro das Ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BINGEMER, Maria Clara L. (Org.) **Simone Weil e o encontro entre as culturas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Paulinas, 2009.

_____. Simone Weil: uma mística para o século XXI. *In: TEIXEIRA, Faustino. (Org.). Caminhos da mística*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 135-164.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. *In: NOVAES, A. (Org.) O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BOSI, Ecléa. A atenção em Simone Weil. **Psicologia USP**, São Paulo, v.14, n.1, p. 11-20, 2003.

HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. Tradução: Flavio F. Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: E Realizações, 2014.

HERÁCLITO. *In: Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

LISPECTOR, Clarice. **A Paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

¹⁰ Importa destacar, com MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. (2014, p. 84), a relação entre disciplina e atenção: “A arte de disciplinar não é apenas a arte de manter a ordem, como gostamos de acreditar, mas é também a arte de utilizar as técnicas certas para criar a atenção e o foco na sala de aula. É a disciplina não como submissão muda e punição, mas como uma técnica de atenção.”

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola:** uma questão pública. Tradução: Cristina Antunes. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2014.

NOGUEIRA, Maria Simone M. Filosofia e espiritualidade em Simone Weil à luz da miséria humana. **AUFKLÄRUNG**, João Pessoa, v.7, n. esp, p.147- 160, 2020.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão.** Tradução: Therezinha Langlada; seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Aulas de Filosofia.** Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

_____. **Pela supressão dos partidos políticos.** Tradução: Lucas Neves. Belo Horizonte: Âyiné, 2016.

_____. **Espera de Deus.** Tradução: Karin Andrea de Guise. Petrópolis: Vozes, 2019.

_____. **O peso e a graça.** Tradução: Leda Cartum. Belo Horizonte, MG: Chão de Feira, 2020a

_____. **Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social.** Tradução: Pedro Fonseca. Belo Horizonte: Âyiné, 2020b.

*Recebido em: 30 de março de 2023.
Aprovado em: 20 de maio de 2023.*